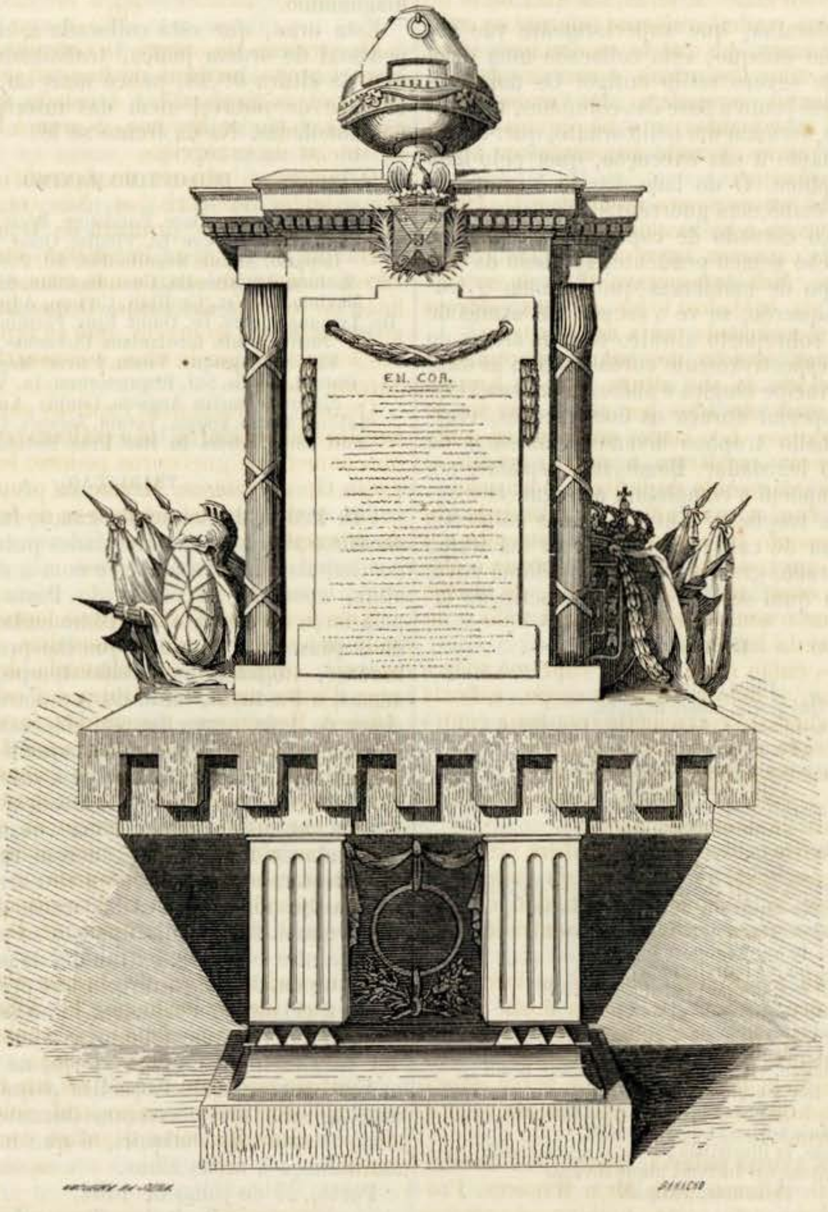


Jazigo do coração de D. Pedro

Quem entrar na real egreja de Nossa Senhora da Lapa, no Porto, verá na capella-mór, do lado do Evangelho, o monumento de que é copia fiel esta gravura.

N'esse singelo moimento de pedra, sem estatuas colossaes nem custosos marmores, está escripta a mais bella, poetica e gloriosa pagina da historia da cidade invicta. Esse jazigo, de simples mas grave architectura, encerra um thesouro! Um preciosissimo legado de que os portuenses se ufanam e gloriam! Existe alli um penhor augusto! Uma lembrança de amigo para outro amigo! Guarda-se alli o coração de um imperador, de um rei; de um philosopho, de um heroe, de um soldado! Esse coração é do imperador do Brasil, do rei de Portugal, do immortal duque de Bragança, o sr. D. Pedro IV.

O magnanimo coração que pulsava com o generoso pensamento de libertar um reino; o coração que abrigou a perseverança mais heroica, e que encerrava o valor, a clemencia, a generosidade, a amizade, a gratidão, o amor da patria, foi legado á cidade do Porto pelo «amigo dos portuenses», o sempre chorado avô do sr. D. Pedro V.

Foi no dia 7 de fevereiro de 1835 que a cidade eterna, herdeira do grande homem, tomou posse do seu precioso legado com todas as demonstrações da mais viva saudade e profunda dor.

Passados dois annos, e estando concluida na real capella da Lapa a obra destinada a receber e guardar o augusto penhor, foi este examinado por peritos, que o acharam em perfeito estado de conservação, pelo que se procedeu ao acto da trasladação. Com quanto não houvesse pompa real, abundaram as lagrimas de verdadeiro sentimento, que o espaço de tres annos não fôra bastante para desvanecer.

Na capella-mór, do lado do Evangelho, se levanta, encostado á parede, o modesto jazigo, todo feito de bello granito tirado das pedreiras dos suburbios da cidade.

Um grande sarcóphago grego fórma o corpo fundamental do monumento. Duas columnas, formadas de feixes de lanças, se erguem sobre este corpo,

sustentando uma elegante cimalha de ordem dorica, interrompida no centro pelo escudo das armas de Bragança.

Sobre esta cimalha, que superiormente vae escoando em plano obliquo, está collocada uma urna lacrymatoria, de severo estilo antigo. Os dois tropheos que se vêem junto á base das columnas, apoiando-se sobre ellas, formam um bello ornato, quer sejam considerados quanto á sua execução, quer pelo lado ideal e philosophico. O do lado direito é composto de attributos e emblemas guerreiros, classicos, taes como um escudo coroado de capacete, a ségure, e uma pelle de Leão nemeo pendente, symbolo da fortaleza. No grupo de emblemas que formam o tropheo do lado esquerdo, se vê o escudo das armas de Portugal, meio sobreposto a outro com as armas do Brasil, ambos respectivamente coroados com as duas coroas que o principe cingíra e abdicára em sua vida. A chlamyde imperial abraça os dois escudos, completando este bello tropheo diversos emblemas da magestade e do legislador. Bandeiras, espadas, ségures, etc., compõem e completam a elegancia e symetria dos dois tropheos. Entre as duas columnas está uma lamina de cobre adornada com um festão de carvalho doirado, graciosamente lançado na parte superior, sob a qual se lê a seguinte inscripção lapidar:

EN COR

Illius tanti viri,
Qui gloria, amore flagrans,
Singularique in omnes ingenio liberali præditus,
Primum (MDCCCXXVI)
Lusitanos sua sponte liberate donavit
Deinde (MDCCCXXXII
Ipsos acerbissima captivitate oppressos
Armis et consilio
Iterum in libertatem asseruit
Tum (MDCCCXXXIV)
Innumeris tyranni copiis contusis penitusque disjectis,
Ipso e solio deturbato, ac finibus expulso,
Maria autem II filia sibi carissima
In avito solio collocata,
Conventus indixit, imperiumque,
Pro ut tempora postulabant, stabilivit
Ad postremum (MDCCCXXXIV)
Tot tantisque laboribus fractus,
Et immatura morti præreptus,
Ab hac in meliorem vitam migraturus (VIII kal. octob.)
Hoc tantum amoris pignus
Optimam sui partem
Huic nostræ antiquæ civitati,
Et notabilitate, et illustribus Pactis, et spectata fide
Omne tempore inclytæ, atque invictæ
Testamento reliquit.

TRADUCÇAO

« Eis o coração d'aquelle varão tão grande, que inflammado no amor da gloria e de genio singularmente liberal para todos, primeiro (1826) outorgou a liberdade aos portuguezes; depois (1832), opprimidos estes pelo mais acerbo captiveiro, por armas e conselho, os restituiu de novo á liberdade; então (1834), batidas, e de todo desbaratadas as innumeras tropas do tyranno, derrubado este do solio, e expulso do reino, e collocada no solio de seus avós Maria II, sua carissima filha, convocou cortes, e consolidou o imperio conforme as exigencias do tempo; por ultimo (1834), quebrantado por taes e tantos trabalhos, e arrebatado por uma morte prematura, ao passar d'esta para melhor vida (24 de setembro), legou a esta nossa antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade, esta a melhor porção de si mesmo, este tão grande penhor do seu amor. »

Esta lamina, pregada n'uma solida porta de carvalho, serve egualmente para cobrir o penetral em que se encerra o precioso deposito.

Recolhidas por meio de chaves as linguas de bronze, que engenhosamente fecham e sustentam a porta, apparece dentro d'este penetral, de fundo e cupula semicircular, uma urna de prata doirada, contendo um vaso de cristal que encerra o coração magnanimo.

Esta urna, que está collocada sobre um elegante pedestal de ordem jonica, trabalhado com primor, tem de altura $0^m,28$, pouco mais ou menos, e nada offerece de notavel além das inscripções gravadas nas almofadas. Na da frente se lê:

DEO OPTIMO MAXIMO.

Petro. Brangantiæ. Duce. Fundatore. Pacis. Ac. Publicæ.
Libertatis. Auctore. Et. Vindice. Quod. Divinitatis.
Impulso. Animi. Magnitudine. Ad. Portugalentia.
Littora. Appulso. Ibi. Cum. Exercitu. Suo. Nec Non.
Maximo. Et. Vix. Credibili. Civium. Adjuctorio. Tam.
De. Tyranno. Quam. De. Omni. Ejus. Factione. Uno. Tempore.
Justis. Armis. Lusitaniam. Ulciscente. Et. Illic.
Ubi. Se. Suamque. Vitam. Patriæ. Magnanimiter.
Obtulit. Cordis. Sui. Requietorium. In. Victa. Adhuc.
Eligente. Amelia. Augusta. Conjux. Amantissima.
Libens. Merito. Sponsi. Votum. Solvens. Quod. Mortale.
Fuit. Illius. Cordis. In. Hac. Urna. Devotissime. Posuit.

TRADUCÇÃO

« D. Pedro, duque de Bragança, fundador da paz, doador e vingador das liberdades publicas, havendo, por impulso da Divindade, e com a sua grandeza de alma, aportado ás praias do Porto, e tendo alli, pela força do exercito que commandava, e pela grande e quasi incrivel ajuda que lhe prestaram os portuenses, vingando ao mesmo tempo, e com justas armas, a Portugal, tanto do tyranno que o opprimia, como de toda a sua facção, elegendo o duque, por isto mesmo, e ainda em vida, aquelle logar onde tão magnanimamente expoz a propria vida pela patria, para n'elle, depois da morte, descançar o seu coração; Amelia Augusta, amantissima consorte do duque, querendo de boa vontade, e com razão, cumprir o voto de seu esposo, encerrou reverentemente n'esta urna os despojos mortaes do coração de seu marido. »

Na almofada do lado opposto se acham gravadas as seguintes palavras, extrahidas da proclamação que o duque de Bragança dirigiu aos portuenses na sua visita á cidade do Porto, em julho de 1834.

« .... Eu me felicito a mim mesmo por me ver no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos portuenses, d'aquelles a quem devo, pelos auxilios que me prestaram durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei em herança a meus filhos.

Porto, 27 de julho de 1834.

D. Pedro, Duque de Bragança. »

Toda esta obra tem de altura $6^m,16$; está encostada a um fundo do mesmo granito, trabalhado ao rustico, que sobe até ao nivel do coreto. Inferiormente uma grade de ferro, tendo ao centro as armas da cidade, cérca e resguarda o mausoleo.

Primitivamente tinha-se decidido e concordado, que toda a pedra que tivesse de ser empregada n'este monumento, fosse tirada das trincheiras que guarneciam a cidade: infelizmente, tão boa lembrança não se realisou, porque, procedendo-se a um exame em toda a linha de fortificações, não se encontraram pedras proprias para a construcção.

Ao sr. Joaquim da Costa Lima, talentoso architecto, coube o plano e execução da obra, sendo feitos pela sua propria mão os dois bellos tropheos que já descrevemos, vendo-se, porém, obrigado a limitar as suas concepções, não só pelos escassos recursos pecuniarios do municipio [1], como pelas considerações devidas ao local, onde nem mestre nem officiaes podiam trabalhar á vontade. Apesar d'isso, louvores sejam dados a quem a projectou e levou a cabo, que é ella a *unica*, talvez *para sempre* a unica,

[1] Custou a obra 1:800$000 réis. Principiou-se a 30 de junho de 1835, e acabou-se a 11 de fevereiro de 1837.

consagrada a perpetuar, não só a fama do grande homem, mas a nossa gratidão.

Para commemorar o reconhecimento e justa saudade dos portuenses para com aquelle que lhes legou o nobre coração, abriu-se uma subscripção de quatro contos de réis entre os habitantes do municipio, para com o rendimento d'esta quantia, que é administrada pela mesa da real irmandade da Lapa, se fazerem todos os annos, e perpetuamente, as exequias nos anniversarios da morte do immortal D. Pedro IV, que se celebram a 24 de setembro com toda a pompa e solemnidade na real capella, a cujo acto comparecem sempre todas as auctoridades civis, militares, ecclesiasticas, e grande numero de cidadãos de todas as artes e profissões.

A. M. LEORNE.

CONTOS MORAES

Muito antes de Marmontel publicar em França os seus *contos moraes*, genero de composição que os francezes julgam ter inventado; um portuguez, um mestre de meninos, havia dado á estampa um volume de *Contos de proveito e exemplo*, destinados á educação da mocidade.

A primeira edição, em duas partes, fez-se em 1585; a segunda em 1589; e depois da morte do auctor, seu filho imprimiu a terceira parte que o pae deixára em manuscripto. Tiveram tanta acceitação os *Contos* de Trancoso, que além das edições apontadas, se fizeram mais quatro, todas n'um volume de oitavo, sendo a ultima de 1722. Esta mesma já hoje é pouco vulgar, e as outras são rarissimas, segundo affirma um juiz competentissimo, o nosso laborioso collaborador Innocencio F. da Silva, no seu monumental *Dicc. Bibl.*

Não só porque esta obra do mestre Gonçalo Fernandes Trancoso dá honra á classe dos professores da mocidade, a cujas mãos vão parar gratuitamente muitos centenares do nosso jornal, por generosidade e patriotismo da SOCIEDADE MADRÉPORA; mas pelo proveito que d'esta leitura moral e classica póde tirar a puericia escholar, tão carecente de livros d'este genero, para se familiarisar com a boa falla portugueza, extrahiremos d'elle alguns contos que nos parecerem mais adequados ao intento.

Outro merito tem ainda esta obra de Trancoso, e é, ser o primeiro livro de novellas que se publicou em Hespanha, depois de expulsas as de cavallaria, segundo affiança Manuel de Faria e Sousa.

Inserimos hoje o conto X, que tem por titulo: *Trata-se de um portuguez que chegou á cidade de Florença, e o que passou o duque senhor d'ella, com uma peça que lhe deu a fazer.*

Um portuguez, ourives da prata, e muito bom official, chegando á cidade de Florença, como homem curioso, andou alguns dias na terra notando suas grandezas, em especial as coisas do seu officio, vendo o modo como costumavam fazer as obras.

Querendo alli mostrar sua habilidade, em companhia de outros portuguezes que sabiam a lingua toscana, se foi ao paço, e disse ao duque:

— Senhor, eu vi que o veador de v. ex.ª andava entre os ourives buscando um para lhe fazer um gomil; todos disseram que estavam occupados em obras que Sua Santidade lhes mandára fazer para dar ás egrejas pobres; pelo que nenhum póde vir, porque o não podiam fazer logo. Eu sou ourives, ainda que forasteiro; se v. ex.ª se quizer servir de mim, farei muito bem tudo que me mandar do meu officio.

O duque lhe perguntou, se saberia fazer um gomil de um modo muito galante, conforme o seu intento; e dando-lhe informação como o queria, o portuguez lhe disse que sim.

Vendo e notando bem o que o duque pedia, tirou um carvão que para isto levava, e na parede da casa desenhou um gomil tal, e tão subtilmente feito, que satisfez a vontade do duque; tanto que logo mandou lhe dessem prata, e casa com ferramenta do officio, e o mais que fosse necessario para lhe fazer aquella peça como alli a debuxava, ou melhor, se melhor a entendesse. O que logo o veador lhe deu, mandando que o agasalhassem na casa do ourives de s. ex.ª Alli fez o gomil, pela traça e da maneira que o duque lhe mandou, e tal como a debuxára, e depois outras peças de menos qualidade, que o veador lhe pediu fizesse.

Tudo perfeito e bem acabado, o levou diante de s. ex.ª, que quando viu a obra lhe contentou em extremo, porque na verdade estava tal que não havia mais que desejar; e o duque vendo-a lhe disse:

— Está muito bom.

De que o portuguez ficou ledo e contente, e lhe beijou as mãos pela mercê, e o duque lhe perguntou quanto lhe havia de dar pelo feitio, ao que o portuguez respondeu:

— Certo, senhor, que assás paga era para mim o gosto que tenho em haver acertado servir a v. ex.ª á sua vontade, mas porque para as necessidades da vida tudo é necessario, mande-me v. ex.ª dar duzentos cruzados.

O duque pediu um cofre, e lh'os contou em oiro, e lh'os deu, e disse:

— Tomae, que isto e mais mereceis, pois me acabastes a obra a meu gosto, e a tempo que m'a promettestes dar acabada.

E tirou mais dois cruzados e lh'os deu, dizendo-lhe:

— Comprae por estes uma capa.

A este tempo chegou o veador, que havia pesado o gomil, e feita a conta da prata que para elle lhe dera, disse que faltavam da prata quasi dois marcos, que lh'os haviam de descontar; a que o duque acudiu:

— Não faz ao caso, que mais tanto haverá elle feito de falhas n'esta peça; eu lhe perdôo o que deve, e mando que lhe paguem o mais que fez á sua vontade.

O que tudo se cumpriu logo, e o portuguez beijou as mãos de s. ex.ª, e se foi despedindo d'elle muito ledo, e como homem contente se ia rindo. Mas o duque que o viu rir, parecendo-lhe que zombava d'elle de prodigo, pela liberalidade que usára no pagamento da obra, ainda que elle merecia, o mandou tornar a vir ante si, e lhe perguntou de que se ria, e o portuguez lhe respondeu:

— Ria-me, senhor, dos ourives de Florença, que quando me viam estar trabalhando n'esta peça, todos me diziam que perdia o tempo que gastava n'ella, e que elles não queriam servir a v. ex.ª, porque tudo o que lhe faziam era pago tarde e mal, e que assim havia de pagar a mim o que lhe estava fazendo, e eu achei o contrario, porque v. ex.ª me deu logo tudo quanto lhe eu pedi, e além d'isso me fez mercês avantajadas, pelo que toda a minha vida o servirei.

E assim o affirmou com juramento, dizendo, que não seria dos que não acceitaram servil-o, e perderam por isso muito que elle ganhou. O duque se houve por satisfeito da resposta, e lhe disse:

— Agora quero que saibaes, que os ourives vos disseram a verdade, que eu lhes pago assim, e peior do que elles disseram; mas a causa é, que se lhes mando fazer alguma peça, a fazem tão tarde e tão mal, que quando m'a trazem já me não lembra que era o que lhes mandei fazer, e assim não tenho gosto de suas obras, que todas são feitas á sua vontade e

não á minha. Justo é, que pois me servem quando e como querem, soffram a paga como e quando eu quizer, para que se façam ambas as vontades; mas vós que me servistes como eu queria, e á minha vontade, foi necessario que eu vos pagasse á vossa, e como quizesseis, para que se fizessem as vontades ambas, que ao servo máu convem punição, e ao bom galardão.

Disse-lhe mais, que se se quizesse assentar na cidade, que sempre o favoreceria para lhe fazer mercês. O ourives lhe beijou as mãos mil vezes, e o soube bem servir em quanto viveu na terra.

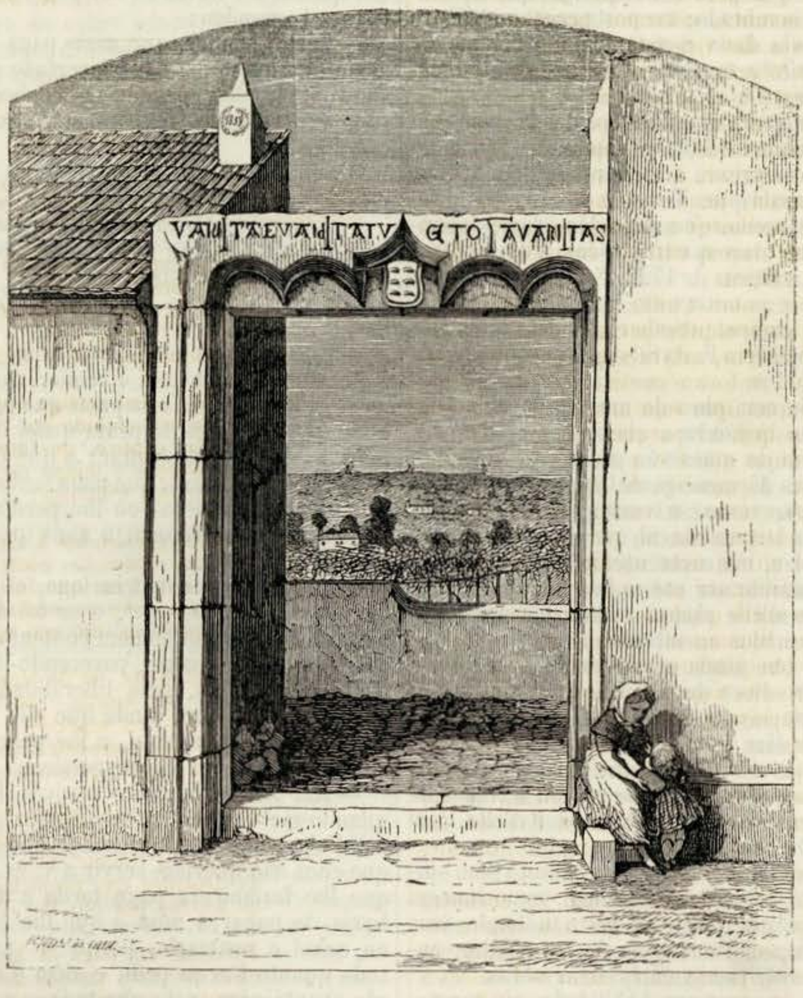
PORTICO DA ANTIGA GAFARIA DE SETUBAL

Na cidade de Setubal, e proximo ás suas antigas e denodadas muralhas, na estrada de S. João, e do lado do poente, existe ainda, entre pequenas casas de construcção moderna, um antigo portico de cantaria, que attrahe a attenção de todos que o vêem.

Dá este portico entrada para uma propriedade rural, a que o vulgo chama «horta». Ao fundo vê-se um muro que separa um pequeno pateo da horta, e logo por detraz d'esse muro, e ao poente, se avistam as arvores d'aquella e de outras hortas seguintes; a alguma distancia sobresae o edificio do recolhimento de Nossa Senhora da Saude, e mais ao longe levanta-se a serra do Viso, com seus casaes e moinhos, como tudo se observa na estampa que hoje publicâmos.

É tradição, que este portico fôra de alguma albergaria ou gafaria, e a sua situação junto ás muralhas, mas fóra da povoação, reforça a tradição.

Até entre os povos barbaros foram conhecidas as albergarias, que eram uns hospicios ou estalagens, de ordinario estabelecidas fóra das povoações, mas á beira das estradas, e até em sitios ermos e des-



Portico da antiga gafaria de Setubal

abridos, onde os passageiros pobres, os peregrinos e estropiados, encontravam abrigo gratuito, ou, quando muito, por uma pequena quantia.

As gafarias eram porém uns hospitaes, ou lazaretos destinados a receber os leprosos, e os doentes de gafa, porque os nossos antigos foram atrozmente perseguidos d'essa ascorosa enfermidade; por isso é pasmoso o numero de gafarias que houve n'este reino. Chamavam-se tambem *conventos*, ou *ordens de S. Lazaro*, que d'ellas era tutelar.

É obvia a razão por que estas gafarias ou lazaretos se construiam fóra das povoações: a peste e outras molestias contagiosas d'aquelles tempos deviam curar-se longe do contacto dos sãos.

A inscripção gravada na verga d'este portico, indica bem o destino do edificio. É em latim abbreviado da edade media, o segundo versiculo do cap. I do Ecclesiates: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas* (vaidade das vaidades, e tudo vaidade).

A. C.

CARTA AO REDACTOR DO ARCHIVO.

Amigo Tullio.

Com tão graciosa hospedagem e bizarra generosidade se viu ahi recebida a Musa pharmaceutica do meu Ovidio, e minha, que não posso deixar de vol-o agradecer em publico, e o faço com todas as véras da alma.

Em reconhecimento de obrigados vos enviâmos agora, o nosso bom poeta e eu, para ajuda dos postres dos vossos banquetes scientificos e litterarios, essas nozes, que os seus dezoito seculos de edade ainda não rançaram como aos cosmeticos.

A nogueira, bem que alguns chicaneiros hajam querido desapossar d'ella ao meu auctor, ficou-lhe pertencendo por sentença dos juizes competentes, a qual já agora ha de passar em julgado provavelmente para todo o sempre; e com razão: nunca houve arvore que melhor fallasse.

No susurro das grandes arvores figura-se ás vezes aos ociosos, que pelo estio nos deliciâmos em lhes dormitar á sombra, estarmos percebendo, segundo as phantasias das virações e ventos por aquellas harpas eolias vegetaes, toda a casta de vozes e de linguas, ao perto e ao longe, em phrases soltas, que ás vezes por ventura cá se nos travam no espirito com as nossas idéas, resultando de tudo uma poesia que se não escreve, nem se prende na memoria, nem se formúla, nem reconhece regras, mas que é d'entre as melhores a bonissima para quem a goza, até por não terem entrada com ella os dentes venenosos da critica.

¿Não vos parece como a mim, ouvindo suspirar e murmurar esta nogueira, perceber uma deleitosa confusão de elegia e satyra, satyra sem asperezа, como as arvores a fariam se foram poetizas? ¿Não cuidaes presencear como quer que seja uma tacita permuta do que foi com o que é? porque, em fim, para os vegetaes a historia do que é e a do que foi são uma unica e a mesma. A nogueira de hoje veste-se, enfeita-se, e produz, como se vestiu, se enfeitou, e produziu a sua antepassada no paraiso, e como o ha de fazer a sua ultima neta no fim do mundo.

¿Não se vos entrefigura até que o portuguez, como o latim, como outro qualquer idioma, podem ser egualmente a sua linguagem, porque ella conversa indistinctamente com quaesquer povos que formiguem e passem, com os seus usos e costumes cambiantes, com as suas leis variaveis, com os seus deuses transformadiços, e com as suas progressivas industrias, por baixo das suas abobadas movediças, mas eternas e eternamente similhantes e identicas? A nogueira, que se entendêra com Adão e Eva na sua lingua incognita, entendeu-se com Ovidio, entende-se do mesmo modo comnosco.

Se á seducção da antiguidade mal se encontra animo que resista, que interesse nos não inspira involuntariamente o sabermos que esta nossa contemporanea, a nogueira, já viu cair, como os Cesares a quem divinisava (por escarneo), a propria Roma, que ella vira fundar! e antes de Roma, Alba; e antes de Alba, Troia; e antes de Troia, tantas monarchias! A toda a raça humana póde ella dizer como o carvalho na fabula de Pignoti á rosa e ao jasmim que ao pé d'elle disputavam vaidades:

> Tanti morir e nascere
> Su questa piaggia amena
> Di voi vid'io, che esistere
> Voi mi sembrate appena.

E é assim: ¿De tudo o que a nogueira nos commemora n'aquelle dia da sua vida, a que se chamou existencia do imperio romano, que é o que subsiste além d'ella e de suas irmãs vegetativas? unicamente o que tambem pertencia á natureza: os fructos para as sobremesas dos ricos e dos pobres, os jogos das nozes entre os meninos, e as pedradas e varadas em quem produz; mais nada.

Lastimava-se ella de ter nascido á beira da estrada publica, onde servia de abrigo aos passageiros contra soes e chuvas, e que nem por isso a tratavam melhor. Eu agora aqui vol-a trago, meu amigo, para m'a transplantardes para um cantinho do vosso curioso predio, onde muito mais em publico vae ainda ficar, mas protegida por vós, livre e segura de seixadas.

Sei que m'a haveis de acolher com bom animo, até em attenção ao nome que n'ella gravei, e que pertence a um dos maiores e melhores amigos de ambos nós, e do nosso poeta, e de todos os poetas.

Plantae-m'a pois nas boas horas, e a benção de Deus a cubra, já que a de Apollo, Pomona e Vertumno não póde ser.

Vosso etc.

A. F. de Castilho.

A NOGUEIRA

ELEGIA DE OVIDIO.

A SEU IRMÃO, JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO, CABAL SABEDOR E PERFEITO JUIZ DAS LETTRAS CLASSICAS E DAS MODERNAS, OFFERECE, COMO PENHOR DE FRATERNAL AFFECTO, A. F. DE CASTILHO.

Pobre nogueira, plantada
aqui á beira da estrada,
sem fazer mal a ninguem,
e sem dó apedrejada
por todos que vão e vem!

Quando egual castigo opprime
grande réo colhido em crime,
bem faz o povo, que aos taes
nem sempre a tempo os reprime
o rigor dos tribunaes;

mas eu (grital-o-hei a vozes)
para uns tratos tão atrozes
que mal fiz? em que fui ré?
Dar cada anno as minhas nozes
ao meu dono, um mal não é.

Tempos bons, os de algum dia!
quando era aposta e porfia
entre nós, os vegetaes,
a qual mais presentearia
com rica safra os mortaes!

Ai! eras de mil delicias!
co'as nossas flôreas primicias
coroava o colono então
as deidades que propicias
os fructos por nós lhe dão.

Por isso, em paga de honral-as
co'as proprias viçosas galas,
sempre a colheita era tal,
que assombrava a Baccho e Pallas
no vinhedo e no olival;

e ás vezes chumbava a ponto,
com fruta sem fim, sem conto,
vergado, oppresso um pomar,
que estalava, a não lhe ir prompto
o esteio a carga escorar.

Que digo! a fecundidade
naquella ditosa edade
até chegava á mulher:
sem larga posteridade
não se via uma sequer.

Porém, depois que aos platanos
foi dada a primazia,
aos platanos, só prodigos
de esteril sombra fria,

nós mesmas, as fructiferas
(eu como tal me trato)
timbrâmos de ser arvores
de luxuoso ornato:

damos tapada abobada
por annuaes colheitas;
vão azeitonas picaras,
vão uvas contrafeitas.

Tal hoje um sexo frivolo,
zelando uns vãos primores,
mata nas proprias visceras
fructos dos seus amores.

De mim sei eu, que todas minhas penas
só me hão provindo de não ser maninha;
sou, como Clytemnestra era em Missenas.

Se bem soubessem a desgraça minha,
nunca mais dera bagas a oliveira,
e seus cachos na flor matára a vinha.

Soubessem-na a pereira e a macieira:
adeus, pera, e maçã! adeus, cerejas,
se adivinhasse tal a cerejeira!

Pergunto: (é por fallar, não por invejas)
Viu-se arvore infecunda e só vistosa
ser jamais alvo a pedras malfazejas?

Percorrei toda a selva numerosa:
ver como cada tronco improductivo
d'ufana immunidade ali se goza!

E eu... de golpes crueis sinto-me um crivo;
quasi que um ramo não conservo inteiro;
esfolam-me, nem sei como já vivo!

Não é odio, é furor interesseiro,
quem me deita a perder; ás mais, as cobre
seu natural esteril e fragueiro.

Não perseguem um réo té que sossobre,
senão quando em perdel-o acham proveito;
para um pobre escapar, basta o ser pobre.

Na estrada aos salteadores váe sujeito
quem leva que roubar, quando o indigente
por entre os seus punhaes passa escorreito.

Assim eu sou: perseguem-me atrozmente,
porque do lucro os enamora a esp'rança,
que ás mais nem folha tira essa má gente.

Se descubro na minha visinhança
alguns pobres arbustos sem valia
mutilados tambem, é que os alcança
a pedrada que a mim se dirigia.

Quando não, reparae nos mais remotos:
em todos brilha a primitiva gala.
Oh! que se os vegetaes houvessem falla,
e podessem aos ceos mandar seus votos!...

Que maldições em côro não soaram
contra mim triste, misera e mesquinha,
que, sem querer, lhes fui tão má visinha,
que as sobras do meu mal o seu causaram!

É mais que desventura esta mofina:
fazem-me odiosa, além de flagellada;
devia ser chorada a minha sina...
e eis-me das companheiras praguejada!

Dirão: «Mas que importa, se tens no teu dono
zeloso colono, que tudo te dá!»
Qual tudo? o terreno; terreno, e mais nada;
o magro terreno que habito plantada;
podéra negar-m'o querendo-me cá!

Nasci por mim mesma; creei-me á ventura,
sem ter-lhe custado cuidado ou carinho;
não como a substancia da sua cultura;
cá vivo no cómoro ao rés do caminho

no fundo mais fundo de toda a fazenda;
por ter a nogueira
(são crenças do povo, ninguem lh'as contenda)
sombrinha que enfeza qualquer sementeira.

Á foice não peço me pode as ramadas;
não peço ás enchadas revolvam meu chão;
de regas prescindo, por mais que abrasadas
me affrontem as calmas por sóes de verão.

Trabalhos!... nem fallar 'nisso!
mas apenas meu ouriço
principia a arregoar,
logo as varas estão promptas,
logo entram commigo a contas:
açoitar, mais açoitar!
Váe-me em toda a ramaria
tão furiosa bateria,
que talvez estas pedradas,
que me alejam,
menos brutas inda sejam,
que as varadas;
e eu boa, e tão boa, que chovo e rechovo
por sobre as cabeças d'aquelles ferozes
pedrisco innocente de nozes e nozes,
até que se esgote meu farto renovo.
Não sou eu sómente que as prezo e que as louvo:
nas mesas de fausto co'as mais sobre-mesas
sei terem cabida;
e sei que a despensa das mães camponezas
é d'este regalo não menos provida;
até pequenitos brincarem com isto
eu mesma d'aqui tenho visto.
Posto em pé, todo tezo, um, se a pancada acerta,
do arranjo em que as ha posto, as nozes desconcerta.
Outro, inclinado, investe as nozes em magote
com piparotes dois, ou de um só piparote.
Jogam tambem alguma vez
com sós quatro nozes: as tres
postas por baixo, e a quarta em cima.
Algum por taboa esconça as lança
contra as que estão por terra; e prima,
quando o jacto feliz alguma em baixo alcança.
«Pares?, ou nones?» oiço; e vejo a cheia mão
de nozes despejar-se em pról do adivinhão.
'Noutra parte, com giz descreve-se a figura
da quarta lettra grega, a que nos ceos fulgura;
e com linhas se corta á base parallelas;
os vãos nozes contém, sendo o numero d'ellas
respondente ao do vão que as arrebanha a sós.
O jogador de longe atira a sua noz;
se a noz penetra o delta, a casa onde ella pára
dá-lhe as nozes que tem; mas se rodou veloz,
e ao triangulo foge, é qual se não jogára:
foi-lhe baldado o lanço, e perde a sua vez;
tente novo parceiro o que este não perfez.
Tambem se joga, emfim, posto em distancia um vaso,
contra o qual cada socio a sua noz atira:
se cáe dentro, venceu; mas se o burlou o acaso,
perde; riem-se os mais; confuso se retira.

Afortunada arvore nascida
no interior de um predio! afortunada,
que cifra no seu dono a sua vida;

de carros e de povo a matinada
não lhe encobre os murmurios ociosos,
nem se empoeira da visinha estrada.

Poucos, muitos, ruins, ou preciosos,
quantos pômos creou, leva em tributo
o senhor a quem serve, e não golosos.

Eu nunca a sazoar cheguei meu fructo;
pois ha sempre quem ávido m'o espreite,
e em verde já m'o abate o seixo bruto;

inda tem molle a casca, o succo em leite,
e lá vae de meus braços extorquido,
sem que outrem de meu damno se aproveite.

Oh do proprio interesse estranho olvido!
co'a avidez de apanhar, apanham nada.
Para ninguem foi ganho o que hei perdido.

Quem á porção que vae dilapidada
podesse comparar a que me fica,
vira ser dos ladrões a avantajada,
e a do meu fazendeiro a menos rica.

Quem vê meus pincaros
nús de folhagem,
não acredita
que mão selvagem
fizesse tal:
imputa ao boreas
esta desdita;
outros á raiva
com que a canicula
morde no estio;
qual á saraiva,
qual ao sombrio
frio invernal.

Mas nem frios nem calores,
ventanias nem granizo,
me tem sido os causadores
da nudez que em mim diviso:

foi meu mal ser productiva;
sempre ouvi que 'neste mundo,
quanto um ente é mais fecundo,
mais é lei que em penas viva.

Foi meu mal minha abastança;
que o ter bens é ter perigos.
Queixa é esta já de antigos,
que entre nós não fez mudança.

Onde tinha a sua morte
Polydóro? em seu tesoiro;
e Amphiarão? na sêde d'oiro
de sua perfida consorte.

Rei da Hisperia, em teus pomares
de um só tronco os aureos ramos
dão ao roubo altos reclamos,
te occasionam mil pezares.

Porém matos só damninhos,
tojos, silvas, espinheiros,
pódem rir de bandoleiros,
pois não tem mais do que espinhos.

Não ser eu como essas plantas,
de zargunchos só dotada!
não curtira injurias tantas,
e vivêra descançada.

Não sei que mais querem da pobre coitada!
eu sempre aqui prestes, em tudo e por tudo:
na zina das calmas, ás frechas celestes
fazendo-me escudo; nos dias agrestes,
furtando aos chuveiros co'o manto folhudo!
E a tanto serviço que pagas são dadas?
pedradas.
Não pára só 'nisso:
depois vem meu dono queixar-se, inda em cima,
que a terra de seixos se fez sementeira,
raivoso exclamando: «Má raio te opprima,
maldita nogueira!»

Assim vociferando, as pedras, uma a uma,
apanha, e do seu chão as torna para a estrada;
é dar (que desatino!) áquella gente airada
armas com que outra vez o enraive e me consuma.

O inverno, a quadra da tristeza
aos vegetaes, ao gado, a toda a natureza,
é a minha estação;
quando a terra jaz morta, e o ceo se envolve em lucto,
então é que eu desfructo,
á mingoa de alegria, ao menos quietação.

Certo é que gélo desvestida;
mas co'a minha nudez estou mais defendida,
que em galas estivães;
vêm que então nada tenho, e deixam-me tranquilla;
ah vinde, a sombra vossa em branda paz me asyla,
ó dias invernaes!

Que afflicções passo quando vejo
fructos que eu, boa mãe, ter, e não ter desejo
meus braços carregar:
«Por cada um de vós, progenie desgraçada,»
—digo eu estremecendo— «ahi vem uma pedrada,
que me aleje, e a meus pés o faça baquear!»

Querendo defender um tão feroz insulto,
diria, se me ouvisse, algum jurisconsulto:
«O que a publico chão nasceu e está pendente,
ao publico em geral se julga pertencente;
dos caminhos communs esta a notoria lei.»
Galhardo defensor! dizei tambem, dizei,
que a azeitona que nasce á beira do olival,
é fructo pertencente ao publico em geral;
e que a messe que ondeia ao transito achegada,
não é do seareiro, é de quem segue a estrada.
Quem quizer ceia em conta, ao rés d'essa azinhaga
tem famosa hortalice; apanhe, emmolhe e traga.
Se é jus, não morra o jus á porta da cidade;
Romulo deu-lhe muro, e não immunidade:
appetece-te prata? além a vês no ourives,
saca-a do mostrador; e joias? não te prives;
'ness'outra loja ao pé resplandecendo estão;
pódes, póde qualquer, lançar-lhe afoito a mão;
o mesmo ao oiro; o mesmo á pedraria fina;
o mesmo a tudo emfim que ao transito confina.
Tal jus não ha porém; não ha, não póde havel-o.
Em quanto governar um principe modelo,
Cesar, da propriedade excelso zelador,
não se dirá que exulte impune um roubador.
A Cesárea, divina, imparcial tutella,
não se limita em Roma: a todo o globo vela.
Só eu, miserrima,
do augusto abrigo
jámais consigo
participar!
de dia, em publico,
entre risadas,
me dão pedradas,
me vem roubar!
por isso passaro
nenhum se aninha,
pobre e mesquinha,
no seio meu;
nenhum nas trémulas
hasteas me poisa.
Quem tanta coisa
jamais soffreu!
Alguns, ao verem-me
semi-occulto
na copa um vulto
de parda côr,
ser ave profuga,
que ignára veio
buscar-me o seio,
podem suppor;
mas approximem-se:
cae-lhes o queixo!
verão que é seixo,
que se intralhou.
Vencida alcaçova
o imigo accêita;
tal eu sujeita
quartel (em que me pez), ao tosco seixo dou.

Ai! como já me cansa esta existencia!
Nunca mais para mim viesse maio!
Velha, prefiro a morte á florescencia!

Se ha tufão que me arranque, ó céos mandai-o!
Se ha raio que se dóa de querellas,
summo Jove, desfecha-me esse raio!

Mal que me envolvem minhas filhas bellas,
sacudil-as de mim desejaria;
ou vel-as ir na furia das procellas!

Bem, bem haja o castor, que se espolia
da parte que a desastres o aventura,
e d'ess'arte se furta á sorte impia!

Crimes ha que inda tem nega,
como ha réos que a noite occulta;
mas o mau que assim me insulta,
leva em si a sua entrega:

meus ouriços esmagados
nas mãos átras se estão lendo;
qual das mãos do algoz horrendo
pinga o sangue, e sólta brados;

sangue é meu, e da innocencia
que eu de mim alimentava,
a teimosa negregencia
que o persegue, e se não lava.

Que medos, quando vejo a pedra dura
já na certeira dextra balançada,
e um fito olhar que o alvo em mim procura!

Torcer-me, retrair-me anceio... e nada!
é força esperar firme o golpe infesto,
pois no impiedoso solo estou cravada.

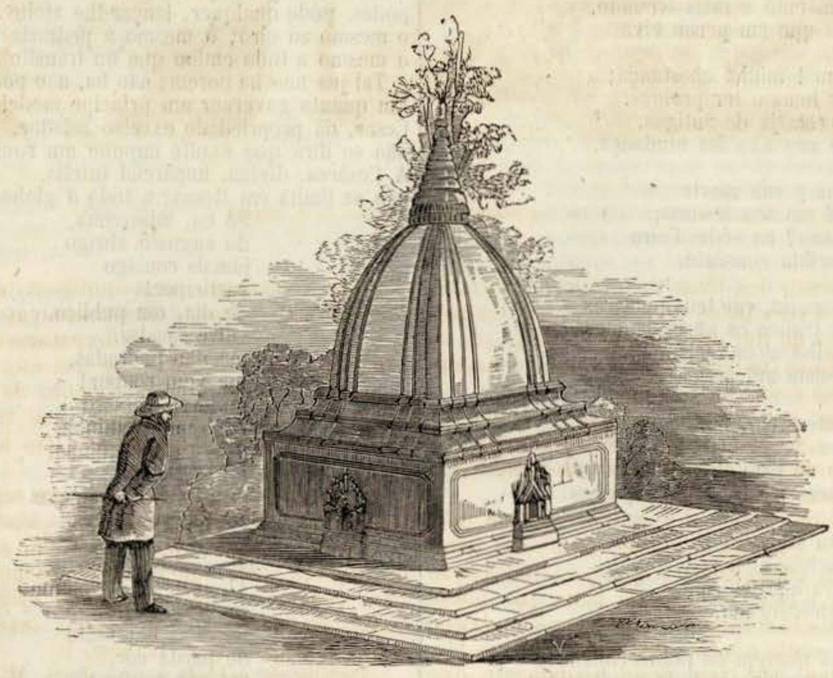
Assimilho-me ao réo convulso e mésto,
preso ao poste, d'entorno asseteado,
gota a gota exhaurindo o horror funesto;

ou á rêz, quando ás aras tem chegado,
e vê á cerviz candida impendente
do immolador o ferro assacalado.

Quem me nota a folhagem retremente,
imagina ser zephyro que passa;
que illusão! tremo, tremo ante a desgraça;
do medo o meu tremor provém sómente.

Se a mereço, imploro a morte;
nada a furia vos reporte:
venha o rigido machado
meu supplicio terminar.
De meu tronco já cansado,
das cansadas minhas ramas,
fazei pasto alfim das chammas,
e holocausto ao vosso lar.
Se prostrar-me, se queimar-me
não ousáes, pois fôra injusto,
vossa dextra se desarme;
finde-se hoje o meu terror.
Sacrificio tão sem custo
colha em paga, ó bons viandantes,
que dos genios mais amantes
vá comvosco o fausto amor.

Assim se lamentára, assim orou chorando,
a nympha da nogueira exposta ao rés da via.
Sente ao longe um poeta o seu murmurio brando;
pára.... escuta.... percebe.... escreve esta Elegia.



Pagode menor de Avá

PAGODE MENOR DE AVÁ

A pag. 64 d'este vol. démos a estampa do famoso pagode birmanico do reino de Avá, onde aquelles idolatras adoram um *fac-simile* do dente do siso de Budha. Hoje publicâmos o desenho de outro pagode d'aquelle reino, tambem celebre pelo que vamos referir.

Foi edificado este pagode, muito menor que o outro de Pagan, que é grandioso, por um rei do paiz, avô do actual, que n'esta construcção gastou nos tres ultimos quarteis do seu reinado de quarenta annos, sommas incalculaveis, e cançou os braços de milhares dos seus vassallos, que trabalhavam de graça! É todo feito de tijolo e argamassa.

No mez de março ha no rio que corre junto a este pagode uma festividade religiosa que tem sua originalidade.

Juntam-se os devotos de Budha em barcos, e cada qual trata de ver se apanha algum peixe á mão. Não se julgue que é para o frigir ou assar; pelo contrario, é para o tornar a libertar, depois de lhes terem collado uma grande folha de oiro ao lombo, como quem doira uma pillula. O peixinho entra então na agua muito lepido, luzindo aos reflexos do sol, e todos lhe dão muitos vivas, e o adoram como um verdadeiro idolo... escamoso.